



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

JARDYANE LUÍS LIRA

***FLÁVIA E O BOLO DE CHOCOLATE:*  
ENTRE A NEGAÇÃO E ACEITAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

**GUARABIRA  
2022**

JARDYANE LUÍS LIRA

***FLÁVIA E O BOLO DE CHOCOLATE:***  
**ENTRE A NEGAÇÃO E ACEITAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduada em Letras-Português.

**Área de concentração:** Literatura infantil

**Orientador:** Profa. Dra. Maria Suely da Costa

**GUARABIRA**  
**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L145f Lira, Jardyane Luis.  
Flávia e o bolo de chocolate [manuscrito] : entre a negação e aceitação da identidade negra / Jardyane Luis Lira. - 2022.  
21 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura infantil. 2. Miriam Leitão. 3. Identidade racial.  
4. Protagonismo negro. 5. Ensino. I. Título

21. ed. CDD 028

JARDYANE LUÍS LIRA

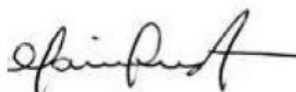
**FLÁVIA E O BOLO DE CHOCOLATE:  
ENTRE A NEGAÇÃO E ACEITAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura Infantil.

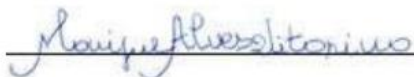
Aprovada em: 29/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Monique Alves Vitorino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Francis Willams Brito da Conceição  
Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE)

*Aos meus pais, familiares e amigos pela  
dedicação, compreensão e amizade,  
DEDICO.*

*Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita (FREIRE, 1997. p. 29)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 LITERATURA INFANTIL COM PROTAGONISMO NEGRO NO CONTEXTO DE SALA DE AULA</b>	<b>8</b>
<b>3 A LEITURA LITERÁRIA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO</b>	<b>11</b>
<b>4 FLÁVIA E O BOLO DE CHOCOLATE: TOMANDO CONSCIÊNCIA DE SUA IDENTIDADE</b>	<b>13</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>19</b>

**FLÁVIA E O BOLO DE CHOCOLATE:  
ENTRE A NEGAÇÃO E ACEITAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

**FLAVIA AND THE CHOCOLATE CAKE:  
BETWEEN DENIAL AND ACCEPTANCE OF BLACK IDENTITY**

Jardyane Luís Lira<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este trabalho expõe uma leitura acerca da obra *Flávia e o bolo de chocolate* (2015), da autora Míriam Leitão, com foco para as reflexões que a narrativa poderá proporcionar em termos de sentido para o desenvolvimento do leitor crítico no que diz respeito às questões raciais apresentadas pela narrativa. O interesse está em verificar como a trama em torno da adoção problematiza questões étnico-raciais em termos de pertencimento. Para esse estudo de caráter analítico-interpretativo, foram utilizados como referencial teórico os estudos de Abramovich (1997), Cuti (2010), Fanon (1961, 2008), Coelho (2009), Cosson (2012), Munanga (2004), dentre outros que abordam a temática do racismo na sociedade e a literatura como um meio de proporcionar reflexões e possíveis transformações na percepção do leitor no âmbito escolar com relação ao racismo existente. Verifica-se que o pertencimento a uma identidade está apoiado em uma perspectiva de definição dos atores sociais, de suas ações e de suas capacidades de encarnarem uma valorização positiva dessa identidade.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Míriam Leitão. Identidade racial. Protagonismo negro. Ensino.

**ABSTRACT**

This paper exposes a reading about the work *Flavia e o bolo de chocolate* (2015), by author Míriam Leitão, focusing on the reflections that the narrative can provide in terms of meaning for the development of critical reader regarding the racial issues presented by the narrative. The interest is in verifying how the plot around adoption problematizes ethno-racial issues in terms of belonging. For this analytical-interpretative study, we used as theoretical reference the studies of Abramovich (1997), Cuti (2010), Fanom (1961, 2008), Coelho (2009), Cosson (2012), Munanga (2004), among others that address the issue of racism in society and literature as a means of providing reflections and possible transformations in the perception of the reader in the school environment with respect to existing racism. It is verified that the belonging to an identity is supported in a perspective of definition of the social actors, their actions and their capacities to embody a positive valuation of this identity.

**Keywords:** Children's literature. Míriam Leitão. Racial identity. Black protagonism. Teaching.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jardyanelira@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, há ainda uma forte presença do racismo na sociedade, podendo ser evidenciado no meio social, mesmo que a maioria da população que o constitui seja oriunda de antepassados negros. O racismo<sup>2</sup> se manifesta de diversas formas e em lugares distintos, como no âmbito escolar, nos jogos de futebol, em festas, dentre outros ambientes. Em cada local este pode se manifestar de uma forma diferente, seja através de discursos que deixe explícito a prática do racismo de forma direta, ou até mesmo através de práticas em que não se dão chances às pessoas negras em assumir determinadas funções por não as enxergar com igualdade, tendo elas como incapazes ou insuficientes.

Segundo Fanon (1961), o racismo não é apenas um problema político e econômico, mas um problema de alienação, um problema que se projeta para o campo das causas psicológicas do sujeito e na forma como ele pensa e existe no mundo. Muito disso se deve ao sistema colonial; a memória traumática da colonização. Conforme aponta Mbembe (2014, p. 276) "A violência colonial era uma violência empírica. [...] Manifestava-se, sobretudo, nos comportamentos quotidianos do colonizador a respeito do colonizado: agressividade, racismo, desprezo, intermináveis rituais de humilhação, condutas homicidas."

Devido a uma negação sistemática do outro, privando-o de atributos de uma identidade positiva, o colonialismo leva o sujeito dominado a perguntar-se: "Quem sou eu na realidade?". (FANON, 1961, p. 263). Historicamente, a prática do racismo serviu e ainda serve como silenciador, oprimindo e limitando a população negra em funções no âmbito social, sob a afirmação do negro como raça inferior. Não são raras as diversas situações que fazem com que as vítimas da prática do racismo não se sintam à vontade com sua cor, e, muitas vezes, até busquem alternativas para tentar mudar de alguma forma esta realidade de negação.

Em função da situação de negação da identidade negra, diversos exemplos de resistência têm surgido na sociedade em variados campos de conhecimento, seja no social, no político ou no cultural. Do ponto de vista da escrita literária, alguns autores não cederam às limitações de silenciamento e enxergaram na literatura uma oportunidade para dar voz aqueles que vivenciavam e ainda vivenciam as práticas de racismo, expondo acontecimentos de modo provocar reflexões as quais possam resultar em transformações na forma de enxergarem as pessoas negras. Tais produções literárias tendem a interferir para que as práticas de racismo de certa forma sejam negativas, desconstruindo, assim, concepções estereotipadas com relação ao negro.

Um exemplo de produção literária que se insere nesta perspectiva de desconstrução estereotipada do negro é a obra *Flávia e o bolo de chocolate* (2015), da autora Miriam Leitão, tomada como objeto de leitura deste trabalho. A referida narrativa evidencia o racismo no âmbito social na figura de uma criança vítima da prática do racismo ao ponto da própria se sentir insatisfeita com a sua cor, passando a negar tudo que a identificasse em termos da cor.

Em função do exposto e tendo por objeto de estudo a citada obra literária, este trabalho tem por objetivo verificar como a trama em torno da adoção problematiza questões étnico-raciais em termos de pertencimento, ou seja, como a representação

---

<sup>2</sup>Racismo "remete a um conjunto de teorias, crenças e práticas, que estabelece uma hierarquia entre as raças, consideradas como fenômenos biológicos". (BRASIL, 2006, p. 222).

do racismo sob a criança adotada pode potencializar reflexões sobre o processo de rejeição e aceitação étnico-racial do negro.

Desse modo, este estudo trata da relevância de se trabalhar obras literárias no âmbito escolar, destacando os benefícios que as mesmas podem proporcionar para o desenvolvimento do educando, uma vez que pode instigar reflexões e produção de conhecimentos acerca de temáticas como o racismo, estereótipos e a aceitação identitária, que não costumam ser trabalhados com frequência no meio social, como também a conscientização do público leitor ao evidenciar as diversidades existentes na sociedade. Deste modo, buscamos abordar a obra literária, à luz de uma análise de seu discurso, observando como são representados aspectos acerca das temáticas em torno do negro.

Do ponto de vista da leitura em sala de aula, fica evidente a relevância de trabalhar temáticas que tragam o negro como protagonista. Isso em função de uma educação inclusiva e de valorização de nossa identidade étnico-racial, para que se possa conhecer obras literárias que abordam o negro e possam desconstruir ideias equivocadas e preconceituosas. Para além disso possa ser trabalhado a aceitação identitária de forma a valorizar e reconhecer o negro de forma positiva e, assim, os leitores se sentirem representados.

Como fundamentação teórica, este estudo recorre aos apontamentos de Abramovich (1997), Cuti (2010), Coelho (2009), Fanon (1961, 2008), Cosson (2012), Munanga (2004), dentre outros que abordam a temática do racismo na sociedade e a literatura como um meio de proporcionar reflexões e possíveis transformações na percepção do leitor no âmbito escolar com relação ao racismo estrutural<sup>3</sup> existente. Partimos da ideia de que a literatura muito pode contribuir para a promoção do antirracismo no contexto escolar.

Como forma de proporcionar uma melhor compreensão, este trabalho está dividido em quatro capítulos: no primeiro, fazemos uma breve contextualização acerca do racismo na sociedade; no segundo abordamos acerca da literatura infantil com protagonismo negro no contexto de sala de aula; no terceiro observamos a leitura literária na perspectiva do letramento; no quarto e último capítulo fazemos uma leitura analítica da obra *Flávia e o bolo de chocolate* (2015) expondo aspectos relevantes no que diz respeito à tomada de consciência da identidade negra.

## **2 LITERATURA INFANTIL COM PROTAGONISMO NEGRO NO CONTEXTO DE SALA DE AULA**

A literatura infantil tem um papel fundamental na formação do educando, pois é no período da infância que a criticidade do sujeito surge e que o mesmo tem contato com a diversidade existente no meio social. Sendo assim, a partir do contato com a literatura infantil é proporcionado ao educando uma nova forma de enxergar as diversas situações do dia a dia. De acordo com Coelho (2009, p.15):

A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como agente de formação,

---

<sup>3</sup> Para o pesquisador e professor Silvio Luiz de Almeida (2018), o racismo estrutural “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018, p. 25).

seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.

Deste modo, fica evidente a necessidade e relevância de se trabalhar a formação social do educando através de reflexões proporcionadas por obras literárias que abordam em suas temáticas a diversidade cultural, para que o aluno venha a conhecer, evidenciar a representação do outro e até mesmo se identificar com aspectos que estejam presentes nas obras.

Vale salientar que é na infância que a criança sairá do ambiente em que está habituada com a sua família, para ir a um ambiente misto que é a escola, onde a criança irá se socializar com uma grande diversidade que possivelmente ela não está habituada. Portanto, quanto antes iniciar o uso da literatura no ensino infantil, melhor. Pois, além de instigar o pensamento crítico do educando, também estará ensinando-o a lidar com as diversidades, sem preconceito, assim como irão se sentir representados.

Quanto a esse processo de manuseio com o literário, no contexto de ensino, Cosson (2012), aponta para o letramento, cujo principal objetivo está em formar “um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive” (COSSON, 2012, p. 106). Nesse processo, “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar” (COSSON, 2012, p. 68).

Quanto aos textos a estarem presentes na formação leitora, é importante destacar que diversos são os temas possíveis de serem abordados pela literatura. Entre essas diversidades, está a necessidade de se abordar o tema da valorização étnico-racial no ensino básico, visto que as demandas de pluralidade cultural encontradas nas salas de aula, muitas vezes, são silenciadas nas páginas dos livros literários. A questão da falta de representatividade e protagonismo de personagens negros nos livros é fator fundante desta temática. Os leitores que estão se construindo enquanto sujeitos produtores de conhecimento precisam se sentir representados nas páginas de forma positiva, contribuindo assim para a formação de sua identidade e autoestima.

A Historiografia<sup>4</sup> dá conta de que, no passado, o negro era praticamente ausente nas obras literárias infantis, em algumas raras aparições sua presença era tão somente para enfatizar a raça, quase sempre mudo e serviçal. Os livros infantis, segundo Abramovich (1997), traziam os personagens com o esteticamente belo imposto pela sociedade, no caso, o branco era o belo. Assim, as narrativas tradicionais trazem consigo uma cultura muito distante da realidade brasileira, notadamente mestiça. Segundo Calheiros (2001), a necessidade de libertação da comunidade afro-brasileira dessa identidade a que foram restringidos, uma identidade baseada em estereótipos nada condizentes com a origem africana, justifica-se. Isso porque a leitura contribui para a formação do imaginário e para o desenvolvimento do leitor. No ato da leitura, o leitor tende a se identificar com algum personagem, e geralmente irão escolher aqueles apresentados de forma valorativa o que vai despertar no leitor um engajamento do contexto, o que historicamente o negro fora negado em função de representações subalternas e estereotipadas.

---

<sup>4</sup>Conferir Sussekind (1982), Abramovich (1997), Oliveira (2014) .

No contexto atual, é possível verificar que há uma maior representação do negro se comparado a outras épocas, visto que antes era mais difícil presenciar a representatividade do negro em sentido valorativo no contexto social e em específico, no âmbito escolar. Isso porque o negro sempre foi marginalizado e excluído sob um discurso do branco colonizador que conseguiu institucionalizar um discurso de que o negro é inferior ao branco. O processo de colonização constituiu-se de um extermínio da cultura e humanidade da pessoa negra. De acordo com Cuti (2010, p.85), “A população negra no Brasil é pouco representada fora dos quadros da pobreza, pois seu processo de ascensão social é invisibilizado pela ideologia racista”. Essa naturalização em hierarquizar as raças acaba também naturalizando a estigmatização do negro. Contudo, O Brasil é construído com a força, o suor e o sangue dos negros, é preciso se aprofundar conhecimentos sobre nossa história.

No contexto escolar, com a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2004), ao orientar para a inclusão da temática História e cultura afro-brasileira no currículo dos diversos níveis de ensino, possibilitou-se cada vez mais a inserção de textos literários com representatividade negra. Em seus estudos a respeito, Amâncio (2008, p.37) afirma que:

Por isso, o diálogo escola/afro-brasilidade – ação exigida pela Lei 10.639, em seu potencial de interatividade -, além de alterar o lugar tradicionalmente conferido à matriz cultural africana, resgata e eleva a auto-estima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro.

Por sua vez, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana evidenciam que:

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas. (BRASIL, 2004, p. 31)

Com efeito, a partir da inserção no ensino da temática em questão, o educando passa a conhecer de forma mais ampla a história e cultura que essa literatura de autoria negra também abrange. Tais conhecimentos tendem a proporcionar ao leitor uma nova forma de enxergar as práticas sociais em seu entorno, fazendo com que o mesmo venha a construir uma nova concepção que possa limitar e até mesmo minimizar práticas preconceituosas e racistas ao seu redor.

Ao apresentar obras voltadas para o seu universo e identidade, o leitor negro desenvolve uma afirmação à sua raça o que lhe traz uma segurança e autoconfiança. E os leitores não negros apreendem conhecimentos para compreender que não há nada de errado com o tom de pele, tipo de seu cabelo e origem do negro, que esses são aspectos identitários.

Dessa forma, quando pensamos em uma literatura antirracista, é fundamental que pensemos o significado dessa literatura e das histórias que narram. Isso porque é importante considerar que as narrativas podem dignificar, podem capacitar, mas também podem destruir a dignidade de um povo. Ao escolhermos uma história sobretudo para um leitor infantil, devemos levar em conta a qualidade das ilustrações e como as personagens são retratadas. Se antes tínhamos uma ausência de representatividade negra e falta de bons materiais bibliográficos, hoje, ao contrário, é possível encontrarmos um número considerável de publicações que põe o negro na condição de protagonista e representação positiva.

Assim sendo, as abordagens proporcionadas por textos da literatura afro-brasileira, em sala de aula, possibilitam ao educando a ampliação de seus conhecimentos acerca de determinada temática, também estará proporcionando ao mesmo uma leitura prazerosa, repleta de informações que irão agregar valor aos conhecimentos que já possui.

Entretanto, vale salientar o fato de que, apesar de ser fundamental a inserção do que propõem a Lei e Diretrizes, não quer dizer que seja o suficiente para impedir que ocorra o racismo e atitudes que apresentem o preconceito. Porém, a orientação de inserção de temática com representação do negro no ensino possibilitará ao educando novos conhecimentos, fazendo com que o mesmo amplie sua visão pelo contato com a diversidade de culturas e, assim, tem a possibilidade de estar desenvolvendo o seu conhecimento de mundo, aprendendo a respeitar e valorizar o outro.

Nas palavras de Santos (2005, p.106):

A discriminação racial não é um problema da criança negra, mas uma oportunidade de crianças negras e não negras se conhecerem, discutirem e instaurarem novas formas de relação, que tenham impacto em suas vidas e na sociedade como um todo.

Assim, no contexto de sala de aula, a literatura tem muito a contribuir. Desse modo, torna-se relevante um trabalho sistemático de formação de leitores que inclua a mediação de leitura de literatura infantil como uma proposição consistente, no sentido de que narrativas com protagonismo negro estejam presentes para o enfrentamento do racismo e dos preconceitos.

### **3 A LEITURA LITERÁRIA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**

A literatura infantil é uma porta de entrada para o imaginário, e tem o poder de encantar um público leitor. Entretanto, a forma como a literatura é inserida no contexto da sala de aula poderá distanciar ainda mais os leitores e futuros leitores, pois muitas vezes a literatura é inserida no âmbito escolar apenas de modo obrigatório para a realização de alguma avaliação, e isso na mente do educando poderá causar a impressão de consequência em que o mesmo só irá ler se for obrigatório para a realização de alguma atividade e não por vontade ou curiosidade própria.

Como Abramovich (1997) diz:

[...] A literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e, assim, imagina-se que – por decreto – todas as crianças passarão a ler... até poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento... (ABRAMOVICH, 1997, p. 140)

Deste modo, fica evidente que muitas vezes a literatura é inserida em uma posição de obrigatoriedade, ou seja, para cumprir com atividades que são propostas em sala de aula, e com isso o docente não consegue instigar o educando a fazer da leitura uma prática agradável e prazerosa. Visto que, muitas vezes o docente ainda precisa determinar datas que limitam o educando por questões do calendário escolar que determina prazos para inserção de notas. Para isto, Abramovich (1997) evidencia que:

Começa que há uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona, onde um livro tem que ser lido num determinado período, com data marcada para término da leitura e entrega de uma análise, e não conforme a

necessidade, a vontade, o ritmo, a querência de cada criança-leitora...  
(ABRAMOVICH, 1997, p. 140)

Diante disso, é fundamental que o professor repense a sua prática pedagógica no sentido de ofertar uma metodologia capaz de contribuir para o engajamento dos leitores ao universo literário. Um dos aspectos fundamentais está em formar leitores que busquem, no processo da leitura, a competência de ultrapassar a mera decodificação dos textos, possibilitando compreender os sentidos da obra lida.

Esta competência de leitura está associada ao que se denominou de letramento. Kleiman define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2004, p. 19). De forma específica, Cosson afirma que o letramento literário é uma forma de apropriar-se do literário, “uma vez que a literatura é essencialmente palavra [...]” (COSSON, 2012, p. 120). Embora as práticas e/ou os eventos de letramentos não estejam restritos ao contexto escolar, conforme apontam os estudiosos no tema, no contexto escolar torna-se relevante estar inserido em um processo educativo específico, daí a importância do fazer docente na mediação desse processo.

Para tanto, é necessário que o professor também seja um leitor e sua experiência leitora seja um instrumento significativo para o incentivo e para a mobilização do interesse do aluno de forma convincente, de modo possibilitar o letramento literário, visando o desenvolvimento real e pleno de um leitor consciente e crítico. Um fator relevante está em entender que o ensino de literatura consiste em formar alunos capazes de ler os textos recomendados de maneira contextualizada, sejam textos do cânone ou que estejam fora deste, tratem de temas comuns ou polêmicos; contudo necessários, a exemplo do racismo, temática sob foco na obra *Flávia e o bolo de chocolate*.

É fato que a obra literária instiga em seus leitores o desenvolvimento da imaginação, o posicionamento crítico, além de possibilitar aos sujeitos a reflexão sobre si mesmos e sobre o mundo. Guimarães e Batista (2012, p.21) destacam que:

Os textos literários situam-se entre a conotação e a denotação, entre o real e o imaginário, sugerindo uma participação ativa do leitor, que deve ser convidado a entrar no universo de verossimilhança literária. A entrada nesse universo implica diretamente uma participação de outra natureza, uma vez que a fruição artística, via literatura e suas manifestações, pode provocar transformações no leitor, que se reconhecerá num universo de imaginação e recriação a partir do real e de sua transformação em material literário.

Com efeito, ler literatura proporciona aos alunos a possibilidade de experimentar situações, estímulos e vivências diversas que, quando associadas à história de vida desses sujeitos, provocam, neles, diferentes maneiras de interagir com a obra literária. Assim, cabe ao processo de ensino da literatura convergir para a formação de uma postura crítica do aluno e para a possibilidade de construção e reconstrução dos sentidos do texto, conforme requer o processo de letramento.

#### 4 FLÁVIA E O BOLO DE CHOCOLATE: TOMANDO CONSCIÊNCIA DE SUA IDENTIDADE

A obra *Flávia e o Bolo de Chocolate* (2015) é um livro infantil, da autora Míriam Leitão<sup>5</sup>, ilustrado<sup>6</sup> por Bruna Assis Brasil, que aborda temas como a adoção, mas mais do que isso, a adoção inter-racial. No entanto, a narrativa não enfatiza o foco sobre o porquê de se adotar uma criança negra. A trama se constitui em abordar o assunto simples e espontaneamente “– É ela! Senti na hora que a vi. Eu gostei dela e ela gostou de mim, olha só o sorriso!” (LEITÃO, 2015, p.07). Percebe-se certa naturalidade em sua fala. Logo, temos uma mulher que almeja muito em ser mãe, contudo a vida não lhe consente engravidar e por este motivo recorreu à adoção. Ao conseguir levar a criança para casa, agora legitimamente sua filhinha, Rita vai passear com a sua filha na praça do bairro para apresentá-la para suas amigas, e no caminho recebe comentários desnecessários acerca das características etno-raciais.

Os fatos narrados na trama da obra literária põem em foco questões raciais, que são evidentes ao longo do enredo. Um dos primeiros pontos já se faz presente nas primeiras páginas, quando uma vizinha, não muito simpática, comenta que a menina não é filha de Rita pelo fato de serem diferentes. A observação feita não está relacionada à questão da adoção, mas às características étnico-raciais:



(Figura 1: Vizinha falando com Rita)

- Ela não é sua filha!
- Por que não?
- Rita ficou brava com a vizinha.
- Ora, vocês são muito diferentes!
- Você é que é boba e não sabe das coisas.
- Sei sim! Vocês são muito diferentes e por isso está na cara que ela não é sua filha – disse a vizinha. (LEITÃO, 2015, p.9)

A mãe da menina, além de não concordar com o comentário desnecessário da vizinha, preferiu se distanciar para evitar maior conflito com aquela mulher que, ao que parece, gostava de tudo igual ao seu redor. Vale ressaltar que situações como essa vivenciada por Rita, personagem da obra, ocorrem com muita frequência no meio

<sup>5</sup>Miriam Azevedo de Almeida Leitão é natural da cidade de Caratinga, Minas Gerais. Além de Jornalista formada pela Universidade de Brasília, comentarista reconhecida e titular de diversas premiações, é autora de diversas obras, dentre elas a obra literária *Flávia e o bolo de chocolate* que é direcionada ao público infantil. (Disponível em: <https://www.treasy.com.br/blog/jornalista-miriam-leitao/?amp=1> Acesso em: 12 de outubro de 2022)

<sup>6</sup>As imagens são ótimos recursos para o leitor explorar em narrativas, uma vez que possibilitam um processo de fruição à leitura (SANTAELLA, 2012). Neste estudo, destacamos alguns recortes verbais da narrativa, com figuras, porém não é nosso interesse desenvolver uma análise destas.

social, apesar do mundo ser amplo nas diversidades, situações em diferenciar o outro em função de sua cor ainda é muito recorrente.

A idealização do mundo branco e a desvalorização do negro, pela associação estereotipada de que os negros têm uma condição inferior decorrente de suas características pessoais, tem gerado uma alienação e conseqüentemente a depreciação da identidade pessoal e do pertencimento étnico, esse efeito do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) que naturaliza situações, ações, pensamentos, falas e hábitos que de maneira, direta ou indireta, levam à segregação ou ao preconceito racial. Diariamente, a população negra é impactada de alguma forma por esse processo.

A sociedade, apesar de ser mista no que diz respeito à diversidade existente, possui práticas recorrentes que são fortemente marcadas pelo racismo, seja partindo de adultos ou até mesmo de crianças que, por presenciar em seu cotidiano práticas racistas, acabam se desenvolvendo ao longo do tempo com a percepção de que determinada prática é algo normal.

Conforme Kilomba (2019, p. 80) menciona,

“O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família.”

Deste modo, esse tipo de prática no momento e local em que ocorrer, além de inferiorizar o outro, também faz com que o mesmo passe a não se aceitar da forma que é, rejeitando sua identidade. Como ocorre na narrativa em que a personagem vítima de prática racista cresce e olhando ao seu redor e percebe o quão diferente era com relação a sua mãe, a menina se entristece e chorando desabafa:

– Mãe, eu quero ser como você.  
 – Como assim?  
 – Não quero ser marrom!  
 – É mesmo? Por quê?  
 – Eu quero ser branca como você.  
 – Mas por quê? Você é linda do jeito que é, toda marronzinha – falou a mãe.  
 (LEITÃO, 2015, p. 14)

O preconceito racial gera reação perversa que desencadeia estímulos dolorosos e retira do sujeito toda possibilidade de reconhecimento. O sentimento de negação resultou do momento em que Flávia foi vítima do racismo, que apesar de todo amor, carinho, proteção, zelo, cuidado e diversão, teve sua aparência observada e repudiada.

Vale salientar que o racismo não surge na mente de uma criança se nenhum gatilho<sup>7</sup> for ativado, esse gatilho é a sociedade que instiga, e com isso a criança passa a não se sentir bem com o seu jeito. A baixa autoimagem do negro é reproduzida pela mensagem transmitida recorrentemente às pessoas negras de que, para ser humanizado, é preciso corresponder às expectativas do padrão dominante, ou seja, tornar-se branco.

---

<sup>7</sup> Para a psicóloga Tânia Aosani (2020), “Um gatilho é um lembrete de uma forte emoção, de uma dor emocional ou até mesmo de um trauma passado. Esse lembrete pode levar uma pessoa a sentir tristeza, raiva, medo, ansiedade ou pânico” (AOSANI, 2020).



O racismo incide na construção da identidade racial, de modo que quando as crianças negras percebem a forma de tratamento diferenciada entre os grupos e que estão incluídas na categoria socialmente desvalorizada, as chances de desenvolverem sentimentos de inferioridade aumentam. Assim, o resultado desses processos para o negro, desde a infância, muitas vezes é a rejeição da sua própria imagem e identidade racial, reforçando os estereótipos, e a discriminação.

Pela fala da criança “- Mãe, eu quero ser como você!”, já se revela um processo de internalização de que “embranquecer” seria o único meio para ter acesso a respeito e dignidade. A reação de Flávia expressa bem o impacto que o racismo poderá causar na construção da identidade de uma criança. “- Eu não quero ser marrom. Não gosto de marrom! Marrom é uma cor feia. Detesto tudo o que é marrom – disse Flávia, batendo o pé no chão.” (LEITÃO, 2015, p. 16)



(Figura 2: Flávia insatisfeita com a sua cor)

A forma como a personagem se mostra insatisfeita com a sua cor expõe que a prática racista pela qual a personagem foi vítima, influenciou de forma negativa o seu modo de pensar, e com isso instiga a negação de sua identidade. Os impactos ocasionados pela prática racista não devem ser ignorados, principalmente quando ocorre com uma criança, é preciso buscar uma forma para que a situação não se agrave e influencie ainda mais no desenvolvimento da mesma.

A sociedade de forma ampla, ou seja, envolvendo o ambiente familiar, social ou educacional deve se atentar para minimizar essa problemática que é o racismo. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição” (BRASIL, 1998, p.41).

Para tanto, é preciso compreender que o processo de construção da identidade de uma criança ocorre de forma gradativa a partir das suas experiências e do meio social em que a mesma está inserida. Portanto, há todo um processo que poderá influenciar na construção da identidade, podendo de forma positiva gerar a aceitação identitária, assim como o respeito entre as diversidades ou de forma negativa influenciar para a rejeição da identidade.

Conforme aponta Godoy (1999, p.79),

Olhar a si é tornar conhecimento do seu processo de identificação e de que a identidade é o produto de múltiplas origens (...). As origens são somente o início de um longo processo de trocas entre outros (...). Olhar a si é então olhar ao ser do outro e perceber este mesmo e particular processo em cada um. Cada um é também o outro múltiplo e cada múltiplo, por sua vez, todos. Quando se percebe isso, ocorre uma abertura para o outro e, conseqüentemente, para si próprio.

Assim sendo, o meio social de modo geral influenciará no desenvolvimento da identidade da criança, portanto, para que haja a prática da aceitação é necessário que esta atitude inicie no adulto como forma de estimular a criança a entender e respeitar as diversidades.

Em função disso, na narrativa em questão, a personagem Rita encontrou uma forma um tanto peculiar ao buscar eliminar tudo o que fosse marrom de suas vidas para fazer com que a sua filha Flávia mudasse a forma de pensar e aceitasse sua identidade. “– Está bom, Flávia. Vamos fazer assim: de hoje em diante, nesta casa, não se faz mais bolo de chocolate.” (LEITÃO, 2015, p. 19)

A mãe articulou bem quais seriam os pontos que poderiam influenciar o pensamento da filha. Apesar de Rita estar seguindo a vontade da filha, a ideia não pareceu muito legal para menina Flávia, pois o marrom a ser excluído se tratava de algo que a menina adorava.

- Ué?! Mas eu adoro bolo de chocolate!
- Não pode. É marrom e você não gosta de marrom – disse a mãe.
- E brigadeiro pode?
- Brigadeiro é marrom, marrom.
- E picolé? Sorvete?
- Só se for de coco, de creme, de morango, porque você gosta dessas cores, mas tudo que for marrom nós vamos evitar daqui para frente nesta casa – avisou a mãe. (LEITÃO, 2015, p. 19)

É afastando a menina de tudo que possui a cor marrom que é gostoso e divertido, como bolo, picolé, sorvete, brigadeiro, e a praia, que Rita consegue proporcionar uma reflexão à sua filha Flávia. Vale mencionar o fato de que a prática do afastamento não tinha o intuito de punir a menina, mas sim fazer com que através da ausência das coisas que gostava, ela pudesse ter uma nova percepção acerca da vida e de forma mais específica da cor marrom que ela dizia detestar.

Em um outro trecho da obra é possível observar que após tantas tentativas, finalmente Rita consegue fazer com que o processo da perda incomodasse a menina e assim ela mudasse sua forma de pensar. “– Tá bom! Tá bom! Chega de ficar me proibindo de tudo que é bom. Me diz uma coisa: por que eu sou marrom e você é branca?” (LEITÃO, 2015, p. 27). Ainda que impactada pela atitude racista, a criança ainda teve que passar pelo sofrimento mental da escolha.

Flávia não só se cansou das limitações, como também passou a questionar sua mãe sobre o motivo para que elas fossem diferentes. É fato que a diferença entre ambas incomodava muito a menina. Então à medida que a menina perguntava, Rita fazia questão de explicar pacientemente cada situação para que sua filha pudesse entender:

- E no mundo inteiro, todo mundo é diferente?
- Todo mundo.
- E no Brasil tem muita gente marrom como eu, não é, mamãe?
- Sim, muita gente. Alguns com a pele mais escura. Outros têm a pele mais clara. Tem também os moreninhos de cabelo bem liso. Os índios são assim. E tem gente branquinha como eu. O mais legal, minha filha, é que tem brasileiro de todo jeito e toda cor. (LEITÃO, 2015, p. 30)

A partir dessa explicação Flávia compreende que a vida é ampla nas diversidades e com um novo olhar, percebe que todos possuem singularidades. Munanga (2004, p. 7) diz que “Cada indivíduo humano é o único e se distingue de todos os indivíduos passados, presentes e futuros, não apenas no plano morfológico, imunológico e fisiológico, mas também no plano dos comportamentos.” Assim sendo,

para que ocorra o processo de aceitação identitária é necessário compreender que cada pessoa possui peculiaridades que o torna único, e que não existe nada de errado nisso.

A explicação feita por Rita está posta de maneira divertida, ao destacar que as pessoas, apesar de serem iguais, possuem diferenças e que isso é legal. Além do mais, a mãe consegue fazer com que a filha entenda que muitas coisas da cor marrom são bonitas e boas, inclusive a cor de sua pele. Ainda curiosa, em conversa com a mãe, a menina tenta entender qual cor é considerada melhor. “– E o que é melhor, mãe? – Não tem melhor nem pior. O mais legal é cada um gostar de ser do jeito que é.” (LEITÃO, 2015, p. 32)



(Figura 3: Flávia conversando com a sua mãe)

A personagem neste momento tenta entender a proporção do valor que cada cor possui. Esta atitude pode resultar de situações vivenciadas em que as pessoas negras só são representadas em posições estereotipadas. Ou seja, estes, em sua maior parte não se sentem representadas, não encontram espaço e/ou lugar para se sentirem protagonistas de uma história, como princesas, príncipes, heróis, sereias, heroínas, fadas, dentre outros que são tão relevantes dentro do imaginário dos pequenos, e com isso não se sentem valorizados.

As últimas cenas surgem após tantas explicações, é o momento em que Flávia compreende e finaliza o diálogo com a sua mãe perguntando para Rita se pode fazer um pedido, como forma de celebrar as descobertas que havia feito:



(Figura 4: Flávia abraçada com a sua mãe)

- Pode sim, minha filha.
- Faz um bolo de chocolate para mim?
- Bem marrom?
- Bem assim, da minha cor! – disse Flávia, orgulhosa. (LEITÃO, 2015, p. 34-35)

A partir desse diálogo com sua mãe, Flávia aprendeu através da maneira inusitada e humana usada por sua mãe para lhe trazer uma nova consciência, enxergar a beleza de ser como ela é, e assim passou a aceitar sua identidade ao descobrir que há uma grande diversidade no mundo e que a cor não altera o seu valor.

No que diz respeito à leitura de narrativas como essa mencionada, nota-se que poderá contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do leitor. Pois, além de possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico, também estará ensinando o educando a lidar com as diversidades, numa perspectiva de ir contra discriminações ou preconceitos. Lopes (2001, p. 326), evidencia que “através do uso da linguagem constrói-se várias identidades sociais no discurso e essas identidades afetam os significados que se constrói na sociedade.”

Portanto, o discurso acerca da aceitação identitária abordada na obra *Flávia e o bolo de chocolate* poderá contribuir para que outras crianças se identifiquem e, a partir disso, desenvolvam o reconhecimento de uma identidade de forma positiva. De forma que, em respeito ao direito de ser,

o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 95-96).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas no decorrer deste trabalho, compreende-se que é na educação infantil um dos momentos mais propício para trabalhar conteúdos que possam de alguma forma contribuir para o desenvolvimento da identidade do educando e que a aceitação identitária é um processo que ocorre gradativamente de acordo com as experiências vivenciadas.

Sabendo que, desde a infância, já se é possível distinguir a identidade em termos raciais, crianças tornam-se um público essencial para se buscar compreender o efeito da cor de pele na construção da identidade racial.

A realização de uma leitura analítica da obra *Flávia e o bolo de chocolate*, tende a proporcionar reflexões que poderão influenciar de forma significativa no desenvolvimento do leitor crítico, possibilitando uma maior conscientização acerca das questões raciais expostas pela narrativa.

É fato que o racismo se faz presente pela desigualdade, nas ações cotidianas e na produção do conhecimento. Portanto, é relevante procurar dialogar com a sociedade, recuperando a história e o percurso do negro no país e, com isso, conduzir o professor a entender ser fundamental que o aluno tenha a consciência da importância do negro no contexto brasileiro, bem como de sua contribuição para a formação histórica e cultural país.

A partir da narrativa em foco neste estudo, é notório que a literatura infantil contribui significativamente para reflexões em torno de questões presentes na sociedade como a hierarquização da cidadania que é feita pela cor da pele. Assim, diante de reconhecimento identitária, coopera para que o aluno além de conhecer e evidenciar a representação do outro, possa se identificar com aspectos que sejam abordados nas obras, venha compreender a existência de discursos estigmatizados

e, estando ciente disso, cabe a todos desconstruir essa pirâmide, por mais difícil que seja.

Assim sendo, é de grande relevância trabalhar em sala de aula obras literárias com temáticas protagonizadas por personagem negro, a exemplo da obra *Flávia e o bolo de chocolate*, pois além de proporcionar reflexões específicas, estará ensinando os educandos a lidarem com as diversidades, desnaturalizando o racismo e, conseqüente, proporcionando a valorização e aceitação identitária racial.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sívio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1997.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. **Lei 10.639/03**, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem In: AMÂNCIO, Iris Maria da Costa, GOMES, Nilma Lino, JORGE, Miriam Lúcia dos Santos (Orgs). *Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica.* Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC/SEF, 2004, p.31.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas.** Brasília, 2004: Conselho Nacional de Educação.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática.** São Paulo: Moderna, 2009, p.15

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010, p.85-128.

Disponível em: <https://www.treasy.com.br/blog/jornalista-miriam-leitao/?amp=1>  
Acesso em: 12 de outubro de 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. - Salvador: Editora Da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira; Editora Ulisseia limitada: Lisboa, 1961

GODOY, Ana Boff de. **Identidade crioulista**: a (re) construção de um novo homem. In: BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno. *Identidades e estéticas compósitas*. Centro Universitário La Salle. Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS. Porto Alegre: 1989.

GUIMARÃES, A. H. T.; BATISTA, R. O. **Língua e Literatura** – Machado de Assis na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KILOMBA, Grada. (1968) **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 80.

LEITÃO, Míriam. **Flávia e o bolo de chocolate**. 1. ed. - Rio de Janeiro: 2015.

LOPES, L. P. M. (2001). Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. **Narrativa, identidade e clínica** (pp. 56-71). Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Maria Lança. 1º ed. Lisboa, Portugal: Antígona, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira), UFF, Rio de Janeiro, n. 5, 2004, p. 7.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **Negrismo: percursos e configurações em romances brasileiros do século XX (1928 – 1984)**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2014.

SANTOS, J. R.. **O que é racismo?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos), 1980.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, (Coleção Como eu ensino), 2012.

SANTOS, S. A. dos. “A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro”. In: CAVALLEIRO, Eliane (Coord.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

SUSSEKIND, Flora. **O negro como Arlequim, teatro e discriminação**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por estar sempre me guiando, me dando forças para superar os obstáculos que surgem em meu caminho. Por me proporcionar uma vida abençoada, repleta de muitas vitórias e aprendizados.

Ao meu pai José, por cada incentivo em minha trajetória, nunca me permitindo desanimar nas horas difíceis, sempre me encorajando a prosseguir com confiança em busca dos meus objetivos. Obrigada por ser esse pai incrível.

À minha mãe Severina, por estar sempre ao meu lado me motivando a buscar pelos meus sonhos, sempre incentivando a continuar e não se deixar abalar com as dificuldades que surgem. Obrigada por ser essa mãe incrível.

Aos meus familiares, minha irmã Jardelly que assim como os meus pais, estava sempre me apoiando nessa jornada.

À minha amiga Geane, por fazer parte de todos os momentos sem me deixar surtar, em momentos bons estava sorrindo comigo e nos momentos ruins sempre me motivou a nunca desistir, uma pedrinha preciosa que a UEPB me deu.

Aos meus amigos, que fizeram parte desse ciclo em minha vida, compartilhando momentos e tornando essa trajetória um pouco mais leve.

À minha orientadora Suely Costa, por toda dedicação.